

## RESENHA

**ESTERCI, Neide; FRY, Peter; GOLDENBERG, Mirian (orgs.). 2001.**  
***Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A. 340 pp.**

Peter Schröder<sup>1</sup>

Títulos de publicações são promessas. E qualquer leitor, e não só o crítico, se orienta por eles. Além disso, há editoras que enchem as capas de livros com textos que pouco têm a ver com seus conteúdos verdadeiros. No caso presente, porém, temos uma congruência total entre as palavras da editora e as das organizadoras (uso o feminino, como a organização do livro é majoritariamente feminina).

A expectativa do leitor com relação a esta coletânea é saber como é que se faz Antropologia no Brasil. Na verdade, o título deveria ser "Fazendo Antropologia no Departamento de Antropologia Cultural e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro". Claro que não se vende um livro com tal frase na capa, mas trata-se basicamente de uma auto-apresentação original dessas duas instituições, mostrando trabalhos típicos de seus professores.

Na introdução bem breve e clara, as organizadoras explicam que o grupo-alvo da coletânea são alunos que devem ser introduzidos a conceitos e métodos típicos da disciplina por pesquisas realizadas sobre as mais diversas questões da sociedade brasileira. Então, uma abordagem interessante de aproximar os estudantes da Antropologia por fornecer exemplos ilustrativos que podiam ajudar a melhor entender as características da disciplina e seu ofício. Por isso, as questões que deveriam nortear a leitura são as seguintes: O que os autores nos mostram, é típico da Antropologia em geral ou mais especificamente da Antropologia brasileira? Os

---

<sup>1</sup> Professor Visitante do PPGA/ UFPE. E-mails: pschroder@uol.com.br / kanarawa@ufpe.br

métodos de análise utilizados nos textos são representativos e abrangentes? E o livro é realmente didático, ajudando os alunos fazer Antropologia?

Os 13 artigos que compõem a coletânea são agrupados em quatro blocos temáticos ("Cultura e identidades nacionais"; "Crença, mito, festa e ritual"; "Espaço e classificações sociais"; e "Memória, trajetória, repressão e trabalho"). Nem todos os artigos são contribuições originais, como há algumas reproduções, outros são reelaboraões de textos publicados anteriormente, mas a maioria representa reflexões ou novas apresentações de pesquisas já realizadas.

A primeira parte do livro começa com um texto de José Reginaldo Santos Gonçalves sobre patrimônios nacionais. É um ótimo exemplo de desconstrução, ou desnaturalização, de conceitos ideologicamente carregados, como "autenticidade" ou "patrimônio nacional". Depois Peter Fry nos apresenta uma auto-reflexão muito bem escrita sobre um artigo publicado 25 anos atrás ("Feijoada e *soul food*"), demonstrando não só de maneira didática a contextualização teórica e histórica de textos antropológicos, mas também como é possível reinterpretar os próprios produtos de forma crítica e construtiva depois de algum tempo. Outra reflexão crítica muito bem escrita de próprios trabalhos passados, na segunda parte, é o artigo de Yvonne Maggie sobre práticas religiosas – e menos religiosas – afro-brasileiras na sociedade brasileira e suas interpretações pelas autoridades políticas, jurídicas e acadêmicas.

A evolução do carnaval carioca, problematizada por debater vários conceitos de tempo, é tema do artigo de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. A discussão de conceitos de identidade e alteridade é, por sua vez, tema do capítulo sobre a ontologia dos índios Kaxinawá, escrito por Elsie Maria Lagrou num estilo meio filosófico, com toque estruturalista, correspondendo claramente ao nível qualitativo de uma tese de doutorado, porém muito difícil para iniciantes. Outro texto com tema indígena é o artigo de Marco Antônio Gonçalves sobre aspectos de gênero nos mitos dos Paresi, fornecendo exemplos ilustrativos de interpretação mitológica, porém de maneira um pouco autoritária, porque os leitores podiam chegar muito bem a conclusões diferentes.

O texto de Beatriz Maria Alasia de Heredia sobre visões e classificações do espaço social é outro exemplo ilustrativo e bem escrito do trabalho antropológico de desnaturalizar conceitos aparentemente objetivos (neste caso, o conceito de região). Rosilene Alvim, em seu artigo sobre meninos de rua, também relativiza um conceito por questionar esta categoria social. Ao mesmo tempo, este texto faz parte

daqueles artigos da coletânea que dificilmente transmitem aos leitores desavisados, em particular aos alunos pouco preparados, quais podiam ser diferenças entre abordagens antropológicas e sociológicas. O mesmo comentário merece ser feito ao artigo de Marco Antônio da Silva Mello sobre o uso de espaços públicos num bairro do Rio de Janeiro, onde se fala mais sobre alguma etnografia do que se mostra como ela é feita. Isto, no entanto, não diminui de maneira nenhuma a importância tanto do texto de Mello quanto do de Alvim e o prazer de ler os dois.

Um dos textos mais ilustrativos que mostram claramente como se *faz* antropologia talvez seja o artigo de Regina C. Reyes Novaes sobre a memória vivida das Ligas Camponesas do Nordeste pré e pós-golpe e pós-ditadura. Ele também nos faz lembrar que o trabalho com memórias individuais e coletivas não precisa ser apenas contemplativo, mas pode desempenhar uma função social e política importante. A importância social do ofício do antropólogo por desvendar mitos históricos e sociais (por exemplo, aqueles sobre a abolição geral e completa da escravidão no século XIX) é exemplificada pelo texto de Neide Esterci sobre formas contemporâneas de escravidão e semi-escravidão. Trata-se de uma ótima leitura para aqueles fãs do pós-modernismo antropológico que consideram a Antropologia apenas como estudo de discursos.

Outros dois textos interessantes versam sobre cultura operária na indústria naval do Rio de Janeiro (Elina G. da Fonte Pessanha) e as trajetórias bastante diferentes das atrizes Cacilda Becker e Leila Diniz (Mirian Goldenberg).

Os temas abordados nos artigos reafirmam a orientação endógena da Antropologia brasileira, no sentido enunciado por George Stocking Jr. As organizadoras conseguiram produzir uma imagem abrangente da Antropologia brasileira por incluir de maneira bastante equilibrada exemplos da Etnologia Indígena, da Antropologia Rural e da Antropologia Urbana, além de uma grande diversidade de temas. Desse modo, elas conseguiram transmitir uma idéia da Antropologia que foge do estereótipo de que em nossa disciplina se estudam apenas grupos pequenos e microambientes sociais, embora isto seja, historicamente, nosso lado forte.

Só senti falta de um dos grandes temas da Antropologia brasileira contemporânea: identidades étnicas e etnicidade. Diferentemente dos temas, as abordagens teóricas e metodológicas dos textos não são tipicamente brasileiras. De qualquer maneira, estes são meio "soltos", um *pot pourri*, fazendo parte do mesmo livro apenas pela introdução e pelos títulos dos blocos temáticos. Na verdade, podiam ter sido publicados muito bem em outras coletâneas totalmente diferentes.

A finalidade didática anunciada na introdução não pode ser percebida em uma série dos textos, dos quais nem todos têm caráter claramente antropológico, deixando os leitores com dúvidas se é Antropologia, Sociologia, Letras ou Artes Cênicas, como, por exemplo, nos textos de Pessanha e Goldenberg. A linguagem dos artigos geralmente facilita sua leitura, quando o leitor dispõe de uma formação básica em ciências sociais, atendendo, desse modo, às demandas dirigidas a uma publicação didática.

Os alunos terão exemplos excelentes da Antropologia brasileira, como não há nenhum artigo realmente fraco. Eles terão exemplos bem ilustrativos de como é a antropologia brasileira e o autor desta resenha já usou diversos textos da coletânea na sala de aula para diversas disciplinas. Os alunos, no entanto, não saberão ou quase não saberão como os trabalhos apresentados foram produzidos, o que seria, afinal, a última razão didática do livro.

Resumindo: Um livro muito bom com textos muito interessantes quando lidos isoladamente. No entanto, resta uma pergunta importante: Como é que se *faz* mesmo antropologia no Brasil?